

David Reher

(coord.)

**RECONSTITUIÇÃO DE FAMÍLIAS
E OUTROS MÉTODOS MICROANALÍTICOS
PARA A HISTÓRIA DAS POPULAÇÕES
ESTADO ACTUAL E PERSPECTIVAS PARA O FUTURO**

**Actas do III Congresso da ADEH
(Associação Ibérica de Demografia Histórica)**

Vol. 1



Biblioteca das Ciências do Homem

Edições Afrontamento

David Reher

(coord.)

**RECONSTITUIÇÃO DE FAMÍLIAS
E OUTROS MÉTODOS MICROANALÍTICOS
PARA A HISTÓRIA DAS POPULAÇÕES
ESTADO ACTUAL E PERSPECTIVAS PARA O FUTURO**

**Actas do III Congresso da ADEH
(Associação Ibérica de Demografia Histórica)**

Vol. 1

Conferência

Jacques Dupâquier

**LA MICROANALYSE EN DÉMOGRAPHIE
HISTORIQUE ET HISTOIRE SOCIAL
L'ENQUÊTE DES 300 FAMILLES**

Edições Afrontamento

Título: Reconstituição de famílias e outros métodos microanalíticos
para a História das Populações. Actas do III Congresso da ADEH
(Associação Ibérica de Demografia Histórica), vol. I

Coordenação: David Reher

Colecção: Biblioteca das Ciências do Homem/História/9

Edição: Edições Afrontamento/Rua Costa Cabral, 859/4200 Porto

Nº de edição: 549

ISBN: 972-36-0373-X

Depósito legal: 91741/95

Impressão: Litografia Ach. Brito

Acabamento: Rainho & Neves, Lda./Santa Maria da Feira

EVOLUÇÃO DA FECUNDIDADE EM DUAS PARÓQUIAS MINHOTAS

– UMA PERSPECTIVA COMPARADA –

MARTA LOBO / FERNANDO MIRANDA

A Demografia Histórica em Portugal sofreu, nestes últimos anos, um impulso positivo assinalável, devido, não só, às novas técnicas de investigação postas em prática pelo grupo de Norberta Amorim¹, mas também, aos vários estudos de micro-análise que apareceram, em especial referentes à zona minhota². A partir destes trabalhos, começou-se a perspectivar a existência de várias especificidades demográficas na região do Minho, notando-se a correlação destas realidades com outras de carácter económico, social e cultural.

Neste sentido, os resultados por nós encontrados no estudo de duas paróquias minhotas possibilitaram-nos, por um lado, encontrar ritmos diferentes da sua fecundidade, em função da mudança de atitude do casal em relação ao número de filhos, e por outro, uma reflexão comparativa com outros estudos conhecidos referentes à mesma região.

1. O método de «Reconstituição de Paróquias» de Norberta Amorim, facilitado pela informática, permite-nos uma maior aproximação, não só ao estudo dos fenómenos da fecundidade e da nupcialidade, mas também aos da mortalidade e mobilidade; além disso, oferece-nos uma análise social segura, possibilitando-nos um cruzamento nominativo de fontes históricas de natureza diversa. Amorim, N. B. (1991), «Uma metodologia de reconstituição de paróquias sobre registos portugueses», in *Boletim de la Asociación de Demografía Histórica*, de X-1, pp. 7-25.

2. Realizado o trabalho sobre Guimarães, Amorim, N. B. (1987) *Guimarães de 1580-1819 – Estudo Demográfico*, I.N.I.C., Lisboa, outros estudos de âmbito demográfico apareceram referentes à região do Minho, Lobo, M. Marta (1992) *O Pico de Regalados e a sua população, 1554-1979*, Tese de Mestrado, Univ. Minho, e Miranda, Fernando (1993) *Estudo demográfico de Alvito S. Pedro e Anexa, 1567-1989*, Tese de Mestrado, Univ. Minho, porém outros estão na forja...

Em relação ao Antigo Regime, concordamos com a existência de uma fecundidade «natural», nela actuando pressões³ de carácter cultural e religioso⁴, ligadas ao calendário agrícola. Porém, outros factores devem ainda ser considerados como intervenientes: capacidade reprodutiva das populações, atitudes sócio-culturais, problemas nutricionais, que pela forma como se articulam e interagem, levam à criação de estruturas específicas⁵.

Os resultados conhecidos para Guimarães (zona rural), no tocante à fecundidade⁶ apontam para taxas elevadas, inseridas, portanto, nos resultados conhecidos para o Antigo Regime. Contudo, quando começamos a estudar a fecundidade em duas paróquias rurais distintas – Alvito S. Pedro e anexa⁷ e Pico de Regalados⁸, verificamos que, mormente a proximidade geográfica com Guimarães, e a existência de similares estruturas económico-sociais, os resultados encontrados apontam para comportamentos demográficos distintos.

Assim, é nosso objectivo, neste artigo, estudar a evolução da fecundidade nas duas paróquias referidas, entre 1710-1979, numa perspectiva comparada com os resultados conhecidos para Guimarães.

Inseridas no coração do Minho, o Pico de Regalados e Alvito S. Pedro e anexa, são paróquias rurais que praticaram até muito recentemente uma economia de subsistência ligada à terra, conhecendo hoje em dia, uma como a outra, alterações significativas no modo de vida das suas gentes, em função de uma modernidade que se alarga ao mundo rural.

1. TAXAS DE FECUNDIDADE LEGÍTIMA POR GRUPOS DE IDADE E IDADE MÉDIA DA MÃE AO NASCIMENTO DO ÚLTIMO FILHO.

Tendo por base os registos paroquiais destas duas paróquias – livros de nascimentos, casamentos e óbitos, existentes no Arquivo Distrital de Braga, Registo Civil de Barcelos e Residência Paroquial das respectivas paróquias, de acordo com o

3. Flinn, Michael W. (1989) *El sistema demográfico europeo, 1500-1820*, Editorial Crítica, Barcelona, pp. 52-53.

4. A Igreja Católica pressionava os casais a absterem-se de relações sexuais durante a Quaresma e Advento.

5. Bideau, Alain (1984) «Mecanismos auto-reguladores de populações tradicionais», in Maria Luiza Marcílio, *População e Sociedade – evolução das sociedades pré-industriais*, Edit. Vozes, Petrópolis, pp. 59.

6. Amorim, N. B. (1987) *Guimarães... Estudo demográfico*, ob. cit. pp. 156-223.

7. Miranda, Fernando (1993) *Estudo demográfico de Alvito S. Pedro... 1567-1989*, ob. cit. pp. 97.

8. Lobo, M. Marta (1992) *O Pico de Regalados... 1554-1979*, ob. cit. pp. 93-94.

limite temporal de 1710 a 1979 – organizamos e informatizamos as informações destas fontes tendo por base a metodologia de «Reconstituição de Paróquias»⁹.

Este nosso trabalho incidiu especificamente sobre famílias do Tipo 1, famílias das quais conhecemos o registo de baptismo de todos os filhos, data de casamento, data de nascimento da mulher e data de óbito do primeiro cônjuge falecido. Além disso, e em relação às famílias existentes nos nossos dias, foram consideradas apenas aquelas cujo fim de observação tinha ultrapassado a idade fecunda.

Uma das primeiras acções que tomamos aquando da realização deste trabalho, foi o de procurar estabelecer uma periodização para o estudo da fecundidade. Por isso, utilizamos como indicadores as taxas de fecundidade legítima por grupos de idade, o «ratio» de fecundidade legítima total, isto é, o número médio de filhos em cada mulher, se a convivência conjugal se mantivesse dos 15 aos 50 anos, e a idade média das mães ao nascimento do último filho. Salientamos que consideramos a fecundidade das mulheres entre os 45 e 49 anos e trabalhamos apenas com famílias que tiveram uma convivência conjugal de cinco ou mais anos.

QUADRO 1
TAXAS DE FECUNDIDADE LEGÍTIMA POR GRUPOS DE IDADES E RATIO
DA FECUNDIDADE LEGÍTIMA TOTAL (R.F.L.T. 15-49)
(mil mulheres)

Períodos	Obs.	Grupos de Idade							R.F.L.T.
		- 20	20-24	25-29	30-34	35-39	40-44	45-49	
1710-1799	121	231	373	314	322	290	147	27	7.23
1800-1899	166	467	309	355	262	202	99	19	6.13
1900-1939	118	341	369	293	238	156	85	7	5.70
1940-1979	137	267	389	260	168	97	45	-	4.79

Da análise do quadro, ressaltam taxas de fecundidade baixas e a existência de dois períodos na fecundidade destas populações.

O primeiro período de 1710 a 1899 e o segundo após esta data e até 1979, porém subdividimos este último em dois subperíodos: 1900-1939 e 1940-1979. Nestes dois subperíodos manifestam-se oscilações nas taxas de fecundidade, embora tenham em comum o facto de pertencerem a um período onde se controlava a fecundidade.

A partir de 1900, o controlo faz-se de uma forma clara, sobretudo nos grupos de idades a partir dos 25 anos, contudo com o decorrer do séc. XX vai-se generalizando a todas as mulheres.

9. Amorim, N. B. (1991) «Uma metodologia... sobre registos portugueses», in *Boletín de la Asociación de Demografía Histórica*, ob. cit. pp. 7-25.

A fecundidade, por nós encontrada, nestas populações para o séc. XVIII é fraca, recaindo entre os 20 aos 34 anos o período de maior fecundidade das mulheres. Porém, o séc. XIX conhece uma alteração significativa que se prende, talvez, com o surgimento da menarca mais precocemente, uma vez que, as taxas de maior fecundidade incidem nas mulheres com menos de 20 anos.

No séc. XX é até à idade dos 24 anos da mulher que se conhecem as taxas mais elevadas da fecundidade, havendo contudo uma alteração nas mulheres com menos de 20 anos a partir de 1940.

Estas ideias parecem confirmar-se nos valores indicados no quadro seguinte: «Idade média da mãe ao nascimento do último filho».

QUADRO 2
IDADE MÉDIA DA MÃE AO NASCIMENTO DO ÚLTIMO FILHO

Períodos	Obs	Idade Média
1710-1799	69	40,7
1800-1899	93	38,8
1900-1939	76	35,6
1940-1979	81	34,3

Para este indicador, optamos, também, pela periodização estabelecida anteriormente.

A idade da mãe ao nascimento do último filho, por nós encontrada, para o séc. XVIII é semelhante com a conhecida para o mesmo período no Sul do Pico¹⁰, pelo que é de admitir uma aproximação de comportamentos num período de fecundidade não controlada. Em queda durante o séc. XIX, a idade da mãe ao nascimento do último filho sofre no séc. XX uma descida mais pronunciada, reflectindo a vontade dos casais em terem o último filho mais cedo.

Em seguida, estabelecemos uma comparação entre as taxas encontradas no Pico de Regalados e Alvito S. Pedro e anexa com as conhecidas da zona rural de Guimarães, para o Antigo Regime.

Através da análise do quadro, pode-se constatar as diferenças do potencial reprodutivo entre estas populações. Em todos os grupos etários, Guimarães patenteia uma fecundidade bastante superior à apresentada em Alvito S. Pedro e anexa e Pico de Regalados, sendo possível ver, a partir do grupo de idade acima dos 40 anos alguma aproximação entre estas populações quanto à sua fecundidade. As baixas

10. Amorim, N. B. (1992) *Evolução Demográfica de três paróquias do Sul do Pico 1680-1980*, Inst. Ciências Sociais, Univ. Minho, pp. 129-134.

QUADRO 3
TAXAS DE FECUNDIDADE LEGÍTIMA POR GRUPOS DE IDADE E
RATIO DE FECUNDIDADE TOTAL DOS 20-24

(mil mulheres)

Quadro comparativo de diferentes zonas da região do Minho para o Antigo Regime

Zonas	Grupos de Idade							R.F.L.T. (20-44)
	- 20	20-24	25-29	30-34	35-39	40-44	45-49	
Alv. S. Pedro e P. Regalados (1710-1799)	231	373	314	322	290	147	27	7,23
Guimarães (Zona Rural) (1740-1814)	348	502	426	397	335	179	24	9,20

taxas de fecundidade nestas duas comunidades rurais tiveram como consequência um número médio de filhos igualmente baixo, quando comparado com o conhecido para Guimarães.

Como explicar taxas de fecundidade tão baixas?

Razões ligadas a práticas prolongadas de amamentação, provocando períodos de amenorreia com repercussões nos intervalos intergenésicos, e uma mortalidade infantil baixa, podem ter contribuído para taxas de fecundidade menos robustecidas¹¹. Em oposição ao que Dupâquier descreve para a Bacia de Paris, onde a mortalidade infantil elevada tornava possíveis taxas de fecundidade igualmente elevadas, reduzindo os intervalos intergenésicos¹². Porém, pensamos que, é provável que as populações minhotas estudadas por nós adoptassem práticas culturais diferenciadas, accionando estratégias reprodutivas diferentes.

Alvito S. Pedro e anexa e Pico de Regalados inserem-se numa região onde a divisão da propriedade é uma característica a sublinhar. Teria a divisão da propriedade influenciado as taxas de fecundidade? Que efeitos teve essa distribuição nas famílias? Como modelou o seu comportamento reprodutivo? Incidiu esta característica mais no mundo rural que no mundo urbano?

11. Miranda, Fernando (1993) *Estudo demográfico de Alvito S. Pedro... 1567-1989*, ob. cit. pp.97-100 e 186-193.

12. Dupâquier, J. (1979) *La population du bassin parisien à l'époque de Louis XIV*, Editions de l'École des Hautes Études en Sciences Sociales, Paris, pp. 353.

As taxas de fecundidade por nós encontradas nestas duas comunidades rurais distanciam-se igualmente das conhecidas para outras regiões da Europa¹³. Estamos, assim, perante taxas de fecundidade diferenciadas, não só em relação às conhecidas para a Europa, mas também, e sobretudo com as conhecidas para a região minhota (Guimarães). Neste sentido, a realidade por nós encontrada deve ser analisada à luz da diversidade de atitudes, da convergência de factores sociais, culturais e demográficos à escala local, uma vez que, mormente a proximidade geográfica as atitudes comportamentais demográficas são distintas.

2. INFLUÊNCIA DA IDADE AO CASAMENTO NAS TAXAS DE FECUNDIDADE LEGÍTIMA

QUADRO 4
TAXAS DE FECUNDIDADE LEGÍTIMA
SEGUNDO A IDADE AO CASAMENTO
(mil mulheres)

Idade ao Casamento	Obs.	Primeiro Período (1710-1899)						
		- 20	20-24	25-29	30-34	35-39	40-44	45-49
- 20	13	385	292	308	292	231	123	16
20-24	50	-	326	380	308	212	112	16
25-29	38	-	-	431	337	263	116	42
30-34	34	-	-	-	389	371	135	6
35-39	23	-	-	-	-	403	226	52
40-44	3	-	-	-	-	-	-	-
		Segundo Período (1900-1979)						
Menos 20	21	356	371	210	210	95	57	-
20-24	60	-	422	323	200	123	60	-
25-29	56	-	-	382	246	150	75	-
30-34	14	-	-	-	522	271	171	-
35-39	6	-	-	-	-	-	-	-
40-44	-	-	-	-	-	-	-	-

13. Anderson, M. (1988) *Population change in North-Western Europe, 1750-1850*, Macmillan Education, pp. 40.

No período caracterizado por um comportamento reprodutivo de fecundidade «natural» foi no grupo de idades correspondente ao que a mulher se casou, excepção feita para o grupo de idades dos 20-24 anos, que a taxa de fecundidade foi mais forte.

As mulheres que durante os séculos XVIII e XIX casaram antes dos 20 anos tiveram, nesse grupo etário, uma maior capacidade reprodutiva. Porém, depois, parecem expressar um certo cansaço orgânico, para no grupo etário dos 25-29 anos, de novo, «acelerarem» o número de concepções. Repare-se que, nestas mulheres após os 34 anos decaí fortemente a fecundidade.

Por sua vez, aquelas que casaram entre os 20 e os 24 anos tiveram no grupo etário seguinte as taxas de fecundidade mais expressivas. Todavia, a partir desse grupo de idades decaíem as taxas significativamente, a expressar ritmados intervalos intergenésicos.

Nos grupos etários acima dos 25 anos, segundo a idade ao casamento, voltamos a encontrar um comportamento comum entre eles: é no grupo de idade em que a mulher se casa que o potencial reprodutivo é maior. Mas repare-se como as mulheres que casaram após os 35 anos se apressaram a ter mais filhos, uma vez que nos grupos de idades seguintes a queda das taxas é muito clara.

No período em que consideramos existir uma fecundidade voluntariamente controlada, quanto mais cedo se casa, mais cedo se deixa de ter filhos e, salvo o primeiro grupo de idades, em todos os outros tornou-se relevante o grupo de idade ao casamento. Foi nesse grupo etário que, as taxas de fecundidade se revelaram mais fortes, decaindo nitidamente nos grupos seguintes.

O uso de práticas contraceptivas possibilitaram ao casal escolher a altura em que se quer ter filhos. Além disso, parece ser claro que, depois de se ter o número de filhos desejado, estas populações controlam a sua fecundidade, uma vez que esta declina acentuadamente nos últimos grupos etários, em consonância com as idades médias das mulheres ao nascimento do último filho, para este período.

De acordo com os dois períodos propostos, calculamos a idade da mãe ao nascimento do último filho.

Uma alteração de comportamentos é o que mais se evidencia de uma análise comparativa entre os dois quadros.

No primeiro período, as mulheres que se casaram até aos 29 anos tiveram o seu último nascimento em idades relativamente aproximadas. Não nos parecendo, por isso, a idade ao casamento ser condicionante no nascimento do último filho. Todavia, constata-se que, a idade média ao nascimento do último filho vai-se alargando com a idade ao casamento, tomando valores mais elevados no grupo etário dos 35-39 anos.

No segundo período, práticas malthusianas proporcionaram ter a última gravidez

quando se deseja, assim, mesmo aquelas que mais tarde chegam ao casamento, e depois dos nascimentos desejados, cedo deixam de ser mães.

QUADRO 5
IDADE MÉDIA DA MÃE AO NASCIMENTO DO ÚLTIMO FILHO
SEGUNDO A IDADE AO CASAMENTO

Primeiro Período (1710-1899)		
Idade ao casamento	Obs	Idade Média
Menos de 20	8	40,5
20-24	27	39,9
25-29	45	40,0
30-34	39	40,9
35-39	24	44,7
40-44	4	-
Todas as Idades	148	41,1
Segundo Período (1900-1979)		
Menos de 20	10	35,2
20-24	27	33,4
25-29	29	35,7
30-34	9	40,1
35-39	5	-
40-44	-	-
Todas as Idades	80	35,7

3. AUSÊNCIA DE FILHOS SEGUNDO A IDADE AO CASAMENTO

Para o estudo da ausência de filhos segundo a idade ao casamento, consideramos somente as famílias do Tipo 1 e por questões de representatividade observamos um único período, isto é, de 1710 a 1979.

A análise que o quadro nos proporciona evidencia uma marcha ascendente da percentagem de famílias estéreis, de acordo com a idade ao casamento, interrompida apenas numa linha descendente, no grupo etário dos 25-29 anos. Se atender-

QUADRO 6
AUSÊNCIA DE FILHOS SEGUNDO A IDADE AO CASAMENTO

Idade ao Casamento	Total de Observações		% de Estéreis
	Total	Nº Estéreis	
Menos de 20	20	2	10,0
20-24	71	17	23,9
25-29	84	10	11,9
30-34	58	10	17,2
35-39	42	13	31,0
40-44	20	16	80,0

mos que, quer em Alvito S. Pedro e anexa ¹⁴, quer no Pico de Regalados ¹⁵, a idade média ao primeiro casamento foi muito elevada, faz-se luz sobre a queda da esterilidade nas famílias em que a idade ao casamento foi entre os 25 e os 29 anos.

Desta forma, ressalta por um lado, a esterilidade das mulheres casadas até aos 24 anos, e por outro, a importância da idade da mulher ao casamento para a constituição de uniões fecundas.

4. RITMO DOS NASCIMENTOS

Na análise referente ao ritmo dos nascimentos, tal como em rubricas anteriores, consideramos apenas as famílias de Tipo 1. Além disso, o nosso estudo incidiu sobre dois períodos: o primeiro, de 1710 a 1899, corresponde à fase de fecundidade «natural», o segundo, de 1900 a 1979, caracteriza-se por ser uma fase de controlo de natalidade.

4.1. Intervalo protogenésico

De momento, detivemo-nos apenas nos intervalos de 8 e mais meses.

Ressaltam, de um olhar atento ao quadro, comportamentos diversificados nos dois períodos. Assim, no segundo período e com exceção para o grupo etário acima dos 30 anos, a frequência mais elevada recai nos oitavo e nono meses.

14. Miranda, Fernando (1993) *Estudo demográfico de Alvito S. Pedro... 1567-1989*, ob. cit. pp. 62-67.
15. Lobo, M. Marta (1992) *O Pico de Regalados... 1554-1979*, ob. cit. pp. 44-48.

QUADRO 7
INTERVALO PROTOGENÉSICOS
(índices percentuais %)

Intervalo em meses	Grupos de idades da Mulher								todas as idades	
	Menos 20		20-24		25-29		30 e mais		1º per 2º per	
	1º per	2º per	1º per	2º per	1º per	2º per	1º per	2º per	1º per	2º per
8	9	15	10	15	7	20	5	5	7	12
9	14	20	16	20	19	20	12	11	15	19
10	9	-	13	6	12	9	5	5	9	6
11	5	15	10	8	14	9	11	11	10	9
12	-	10	3	2	-	4	6	11	3	4
13	9	5	8	5	5	5	5	16	6	6
14	9	-	2	8	7	7	5	-	5	6
15	5	5	2	5	-	4	2	-	2	4
16	-	-	-	3	-	5	3	5	1	4
17	-	-	-	2	5	2	3	5	2	2
18	-	-	2	2	2	2	6	5	3	2
19	-	-	6	11	2	-	5	-	4	4
20	5	-	-	-	-	-	3	-	2	-
21	5	-	3	-	-	-	3	-	3	-
22	5	-	-	-	-	2	2	-	1	1
23	-	5	3	-	2	-	2	-	2	-
24	5	-	3	2	-	-	-	-	2	1
25	-	5	2	3	2	-	3	-	2	2
26	-	-	-	2	2	-	-	-	1	1
27	-	-	-	2	-	-	-	5	-	1
28	5	-	2	2	-	2	3	-	2	2
29	-	-	-	-	-	-	2	-	1	-
30	-	-	-	2	2	-	-	-	1	1
31	5	-	-	2	2	2	-	-	1	1
32	5	-	-	-	-	-	2	-	1	-
33	5	-	2	-	-	-	3	-	2	-
34	-	-	2	-	-	2	-	-	1	1
35	-	-	-	-	2	-	-	-	1	-
36 e mais	5	20	14	14	12	16	14	21	13	16
TOTAL	100	100	100	100	100	100	100	100	100	100

Quanto ao primeiro período, é no nono mês que se verifica a percentagem mais elevada.

Desta forma e em presença de comportamentos notoriamente diferentes, fizemos uma análise detalhada por grupos de idades, para os dois períodos considerados.

No grupo etário «menos de 20 anos» para o primeiro período, verifica-se que é no nono mês que incide o maior número de nascimentos. Para o segundo período, também é o nono mês o escolhido para se ter filhos, mas o contraste existe. No segundo período 35% das mulheres que deram à luz fizeram-no nove meses após o casamento, enquanto no primeiro período apenas encontramos 23%. Estes resultados sublinham a ideia da antecipação da menarca no segundo período.

No grupo etário dos 20-24 anos esbatem-se um pouco as diferenças entre os dois períodos, mas eleva-se de uma forma significativa a percentagem das mulheres que no primeiro período tiveram filhos até atingir um ano de casamento.

As mulheres que casaram entre os 25-29 anos, no período de 1710 a 1899, conheceram uma percentagem maior de nascimentos antes do primeiro ano de casadas, verificando-se semelhante comportamento no grupo etário seguinte.

Tendo por base ainda o quadro anterior e se analisamos o intervalo protogenésico inferior a um ano, constatamos que, os intervalos mais elevados recaem nas mulheres que casaram entre os 25-29 anos, antes de 1900.

Para todas as idades, verificamos que é no segundo período que, se registam as percentagens mais elevadas no intervalo protogenésico inferior a um ano.

No intuito de aprofundarmos este comportamento, calculamos os intervalo protogenésico médio para os mesmos períodos, segundo a idade ao casamento.

QUADRO 8
INTERVALO PROTOGENÉSICO MÉDIO

Grupos de idade	Todas Idades				
	Menos de 20	20-24	25-29	30 e mais	
1º Período (1710-1899)	16,9	14,5	14,4	17,5	15,8
2º Período (1900-1979)	13,8	15,4	15,0	14,8	15,0

No primeiro período patenteia-se a dificuldade das mulheres que casaram antes dos 20 anos em engravidar, bem como, as que casaram para além dos 30 anos. Foram as que casaram entre os 20 e os 29 anos que conheceram um período menor entre o casamento e o nascimento do seu primeiro filho.

Em relação ao segundo período, foi no grupo daquelas que casaram antes dos 20 anos, que primeiro se «deu à luz», a este facto não será alheia a menarca mais precoce. Depois e quanto mais tarde se chega ao casamento, em especial o grupo que casa com 30 e mais anos, rapidamente se opta por ter filhos, consubstanciando-se no valor 14,8 meses, o período que esperam para «dar à luz».

As mulheres que casaram entre os 20 e os 29 anos foram as que mais retardaram, através da contracepção, o nascimento do seu primeiro filho.

4.2. Intervalos intergenésicos sucessivos

Conjugando os intervalos intergenésicos com o intervalo protogenésico, nos dois períodos seleccionados, constatamos que, os primeiros foram mais dilatados. Subjacente a estes valores, teremos que considerar a influência dos períodos de amenorrea pós-parto e a imunidade originada pela amamentação prolongada, aquando do nascimento das crianças. Para se compreender melhor este comportamento, elaboramos um quadro referente ao primeiro intervalo intergenésico médio, tendo por base os dois períodos anteriormente estabelecidos, de 1710 a 1899 e de 1900 a 1979.

QUADRO 9
PRIMEIRO INTERVELO INTERGENÉSICO MÉDIO

Grupos de idade	PRIMEIRO INTERVELO INTERGENÉSICO MÉDIO				
	Menos de 20	20-24	25-29	30 e mais	Todas Idades
1º Período (1710-1899)	26,4 (17)	25,3 (60)	24,2 (40)	24,9 (52)	25,0 (169)
2º Período (1900-1979)	23,6 (16)	24,6 (65)	21,6 (49)	23,8 (13)	23,4 (143)

Atitudes diferenciadas evidenciam-se entre o primeiro e o segundo período.

Relançando o olhar sobre a coluna de «todas as idades», reparamos que, no período em que detectamos práticas malthusianas o primeiro intervalo intergenésico médio é inferior quase em dois meses ao período caracterizado pelo não controlo voluntário da natalidade.

Numa análise mais pormenorizada e em relação ao grupo etário «menos de 20 anos», verificamos que, o primeiro intervalo intergenésico no primeiro período foi nitidamente superior ao segundo. Este comportamento parece estender-se a todos os

grupos etários, na medida em que, no primeiro período se esperou mais do que no segundo para se ter o segundo filho. Uma outra característica interessante, relaciona-se com as mulheres que casaram entre os 25 e 29 anos, estas, em ambos os períodos, tiveram uma espera menor para de novo «dar à luz».

Propomos, agora, uma observação pelos sucessivos intervalos intergenésicos. Para este estudo, trabalhamos as famílias com cinco ou mais filhos para as mulheres casadas antes dos 25 anos; com quatro ou mais filhos para as mulheres casadas dos 25 aos 30 anos e com três ou mais filhos para todas aquelas que se casaram após os 30 anos. Consideramos para «todas as idades» da mulher as famílias do Tipo 1 com cinco ou mais filhos.

QUADRO 10
INTERVALO INTERGENÉSICOS MÉDIOS SUCESSIVOS
(Famílias numerosas)

	Menos 20	20-24	25-29	30 e mais	Idades
Nº de Famílias					
1º Período	30	78	64	115	287
2º Período	26	108	77	44	255
Primeiro Intervalo Intergenésico					
1º Período	35,5	29,7	28,2	27,5	29,9
2º Período	35,6	30,0	30,0	26,5	29,7
Segundo Intervalo Intergenésico					
1º Período	25,6	29,7	28,7	31,7	29,5
2º Período	37,6	35,1	33,0	23,6	34,0
Terceiro Intervalo Intergenésico					
1º Período	29,5	30,2	31,7	28,8	30,1
2º Período	28,7	33,8	29,8	-	32,3
Quarto Intervalo Intergenésico					
1º Período	30,1	32,5	29,3	28,3	31,9
2º Período	25,5	30,2	35,1	-	30,8
Quinto Intervalo Intergenésico					
1º Período	30,2	27,8	29,0	31,3	30,1
2º Período	34,8	-	30,7	30,4	30,8

Da observação do quadro, sobressai um ritmo lento dos nascimentos, isto é, a existência de espaços muito dilatados entre eles.

No primeiro intervalo intergenésico, referente aos dois períodos, e em relação à coluna correspondente a «todas as idades», constatamos que, o tempo de espera pelo segundo filho foi igual, oscilando contudo segundo os grupos de idade. Em ambos os períodos o compasso de espera pelo segundo filho foi mais lato para aquelas mulheres que casaram com menos de 20 anos. Todavia, foi no segundo período que mais se esperou pelo segundo filho, excepção a todas aquelas que casaram com 30 ou mais anos.

Em relação ao segundo intervalo intergenésico, verificam-se algumas alterações, sobretudo no tocante ao período que medeia de 1900 a 1979. Neste segundo período e com excepção para o grupo de mulheres que casaram com 30 e mais anos, o intervalo intergenésico aumentou, esperando as mulheres mais de dois anos e meio pelo nascimento do seu terceiro filho. No primeiro período, o comportamento é diferente, especialmente no grupo etário das mulheres que casaram antes dos 20 anos, uma vez que, reduziu significativamente o respectivo intervalo intergenésico; e no grupo etário com 30 e mais anos, visto que, vê a chegada do seu terceiro filho demorada.

A partir do terceiro intervalo intergenésico, sobretudo no primeiro período, espera-se mais para ver nascer o quarto, o quinto e o sexto filho. O ritmo dos nascimentos é mais lento, excepto para o grupo das mulheres que casaram com 30 ou mais anos. Em relação ao segundo período, verificamos existir no terceiro, quarto e quinto intervalos intergenésicos, uma redução de tempo nos nascimentos dos filhos em todos os grupos etários, com excepção para o último intervalo intergenésico considerado, no qual as mulheres que casaram com menos de 20 anos vêm subir significativamente o tempo de espera do seu sexto filho.

Numa análise genérica aos diversos intervalos intergenésicos, nestes dois períodos, surpreende-nos a diferença de comportamentos entre eles. Por exemplo, no segundo período, a existência de uma alimentação mais enriquecida, aliada a um estado de saúde mais robustecido da mulher, ao qual não serão alheias práticas de higiene e cuidados médicos mais apurados, parecem proporcionar a diminuição dos intervalos entre os nascimentos.

Um outro aspecto a considerar, é o dilatamento dos intervalos à medida que o número de filhos vai aumentando. Ligados a estes intervalos tão alongados estarão práticas de amamentação prolongada ¹⁶ que, conjugadas com as idades elevadas ao matrimónio e a níveis de baixa mortalidade infantil, propiciam uma redução da fecundidade.

16. Miranda, Fernando (1993) *Estudo demográfico de Alvito S. Pedro... 1567-1989*, ob. cit. pp. 99.

Comparando os nossos resultados com os apontados por Norberta Amorim para Guimarães ¹⁷, concluímos pela existência de intervalos intergenésicos mais alargados nas paróquias que estudamos, no que respeita ao séc. XVIII, devido, possivelmente, aos factos atrás mencionados.

Na opinião de Alain Bideau ¹⁸, a fecundidade não depende unicamente de parâmetros fisiológicos, mas também de atitudes sociais e culturais, criando estruturas específicas, onde cada mulher tem um comportamento fecundo próprio, encontrando-se a homogeneidade ao mesmo tempo a nível individual e familiar.

4.3. Número de filhos nascidos por união

QUADRO 11
REPARTIÇÃO DE FAMÍLIAS SEGUNDO O NÚMERO DE FILHOS

Nº de filhos	1710 a 1799		1800 a 1899		1900 a 1979	
	nº fam	%	nº fam	%	nº fam	%
0	20	16,5	38	22,9	49	19,2
1	19	15,7	17	10,2	38	14,9
2	15	12,4	13	7,8	40	15,7
3	12	9,9	27	16,3	29	11,4
4	12	9,9	14	8,4	26	10,2
5	12	9,9	17	10,2	22	8,6
6	14	11,6	10	6,0	13	5,1
7	4	3,3	3	1,8	14	5,5
8	4	3,3	8	4,8	11	4,3
9	3	2,5	11	6,6	4	1,6
10	4	3,3	4	2,4	4	1,6
11	1	0,8	2	1,2	2	0,8
12	1	0,8	-	-	1	0,4
13	-	-	1	0,6	-	-
14	-	-	1	0,6	-	-
15	-	-	-	-	2	0,8

17. Amorim, M. B. (1987) *Guimarães...Estudo Demográfico*, ob. cit. pp. 196-197.

18. Bideau, Alain (1984) «Mecanismos auto-reguladores... populações tradicionais», in Luiza Marcílio, M. *População e Sociedade...* ob. cit. pp.58-59.

QUADRO 11
REPARTIÇÃO DE FAMÍLIAS SEGUNDO O NÚMERO DE FILHOS (Continuação)

Nº de filhos	1710 a 1799		1800 a 1899		1900 a 1979	
	nº fam	%	nº fam	%	nº fam	%
Nº de famílias infecundas						
	17		23		19	
Média de filhos/famílias						
	3,7		3,8		3,4	
Média de filhos/famílias fecundas						
	4,2		4,6		4,0	

Materializa-se neste quadro, o número de filhos por famílias em três períodos diferentes. De acordo com os respectivos dados, verificamos não só, ter sido o séc. XIX o período em que as famílias foram mais extensas, em número de filhos, mas também a existência de controlo da natalidade no séc. XX.

A influência da idade média ao casamento na fecundidade parece ser uma realidade, na medida em que, a idade média ao primeiro casamento para os nubentes de Alvito S. Pedro e anexa e Pico de Regalados foi elevada, no período de não controlo voluntário de nascimentos¹⁹, reflectindo-se este comportamento na média de filhos por família, 3,7 e 3,8, o que parece ser baixo para a época.

Um outro aspecto a merecer atenção, é a elevada percentagem de casais infecundos, com realce para o séc. XX.

Comparando o número médio de filhos por família em Alvito S. Pedro e anexa e Pico de Regalados, com os resultados conhecidos para Guimarães²⁰, constatamos nitidamente a diferença entre os nossos resultados e os aí encontrados.

4.4. Duração das uniões

De acordo com o processo metodológico utilizado por nós na elaboração deste trabalho e em relação ao estudo da duração das uniões, optamos por considerar

19. Lobo, M. Marta (1992) *O Pico de Regalados... 1554-1979*, ob. cit. pp. 44-48 e Miranda, Fernando (1993) *Estudo demográfico de Alvito S. Pedro... 1567-1989*, ob. cit. pp.62-67.

20. Amorim, M. B. (1987) *Guimarães... Estudo Demográfico*, ob. cit. pp. 202.

apenas as famílias de Tipo 1, independentemente da idade ao primeiro casamento da mulher e de se tratar do primeiro ou posterior casamento de qualquer dos cônjuges, nos três períodos considerados.

QUADRO 12
DURAÇÃO DAS UNIÕES

Intervalo	1710 a 1799		1800 a 1899		1900 a 1979	
	nº	%	nº	%	nº	%
0-4	8	7	11	7	10	4
5-9	12	10	10	6	6	2
10-14	11	9	13	8	15	6
15-20	10	8	11	7	23	9
20-24	13	10	13	8	22	9
25-29	19	16	15	9	25	10
30 mais	48	40	93	56	154	60
Totais	121	100	166	100	255	100

De acordo com os elementos apresentados no quadro, constatamos que, desde o séc. XVIII e até aos nossos dias, as uniões nestas duas comunidades minhotas tornam-se mais estáveis e duradoiras, devido a um possível aumento gradual da esperança de vida das gerações adultas. Subjacente a esta ideia, não será descabido referir a importância que as possíveis melhorias das condições de vida e higiénico-sanitárias tiveram no enfraquecimento da taxa da mortalidade adulta. Além disso, a redução da idade média ao casamento dos nubentes destas paróquias a partir de finais do séc. XIX permitiu uma maior duração das uniões.

Se considerarmos as distribuições percentuais pelos diferentes períodos quinquenais, notamos que, de 1710 a 1799, 66% das uniões situavam-se acima dos 20 anos de duração; enquanto de 1800 a 1899 e tendo por base uma percentagem similar, 64% das uniões duravam mais de 25 anos, porém, de 1900 a 1979, mais de 70% das uniões duravam este período de tempo. Estes valores perspectivam-nos uma evolução na duração e estabilidade das uniões destas duas populações.

4.5. Distribuição das famílias completas segundo o número de filhos

Para analisarmos o número de filhos por família e com o intuito de despistar a influência da ruptura precoce sobre a descendência, trabalhamos apenas famílias

completas nos dois períodos escolhidos: antes e durante a fase de fecundidade controlada.

QUADRO 13
DISTRIBUIÇÃO DAS FAMÍLIAS COMPLETAS SEGUNDO O NÚMERO DE FILHOS
(Todas as idades da mulher)

Nº DE FILHOS	1710-1899		1900-1979	
	nº fam.	%	nº fam.	%
0	58	20,3	49	19,2
1	36	12,6	38	14,9
2	28	9,8	40	15,7
3	39	13,6	29	11,4
4	26	9,1	26	10,2
5	29	10,1	22	8,6
6	24	8,4	13	5,1
7	7	2,4	14	5,5
8	12	4,2	11	4,3
9	14	4,9	4	1,6
10	8	2,8	4	1,6
11	2	0,7	2	0,8
12	1	0,3	1	0,4
13	1	0,3	-	-
14	1	0,3	-	-
15	-	-	2	0,8
Total	286	100	255	100
Média/filho	3,5		3,2	

Como facilmente se conclui, é muito baixa a média de filhos por família, mesmo antes do controlo de fecundidade, já que as famílias no período que medeia de 1710 a 1899 são pouco mais robustecidas que as do último período, onde a utilização de práticas malthusianas possibilitaram a redução do número de filhos.

Trabalhando com as mesmas famílias, procuramos analisar a distribuição destas segundo o número de filhos, consoante a idade da mulher ao casamento.

É patente, no quadro apresentado, não só a influência da idade ao casamento na descendência, mas também, a opção pelo controlo da fecundidade no segundo período.

QUADRO 14
DISTRIBUIÇÃO DAS FAMÍLIAS COMPLETAS
SEGUNDO O NÚMERO DE FILHOS

mulheres casadas antes dos 20

Nº de filhos	1710-1899	1900-1979
0	5	-
1	1	4
2	3	3
3	2	3
4	-	1
5	1	4
6	3	2
7	4	4
8	-	1
9	1	-
10	4	1
11	3	1
12	1	-
13	1	-
14	-	-
15	1	2
Total	30	26
Média	6,3	5,5

Partindo da idade da mulher ao casamento, verificamos que, no primeiro período, aquelas que casaram antes dos 20 anos apresentam um número médio de filhos maior. Relembramos que, no segundo período, a contracepção possibilita o número de filhos desejado.

Esta situação continua a verificar-se para as mulheres que casaram entre os 20 e os 29 anos, embora, neste grupo, se opte, quer num período, quer noutro, por uma família menor.

Nas mulheres que casaram com 30 e mais anos, notamos que, para além de terem uma fecundidade mais reduzida, perspectiva-se o atenuar das diferenças na constituição das famílias para os dois períodos, uma vez que, há uma relativa aproximação entre eles, no que diz respeito ao número médio de filhos por família.

mulheres casadas dos 20-24

Nº de filhos	1710-1899	1900-1979
0	5	22
1	5	13
2	5	14
3	14	13
4	8	13
5	10	13
6	9	9
7	3	7
8	5	4
9	7	6
10	4	3
11	2	2
12	-	1
13	1	1
Total	78	108
Média	5,0	3,4

mulheres casadas dos 25-29

Nº de filhos	1710-1899	1900-1979
0	11	6
1	6	14
2	8	16
3	6	13
4	5	7
5	9	8
6	6	3
7	4	5
8	5	3
9	3	1
10	1	1
Total	54	77
Média	3,8	3,2

mulheres casadas dos 30-34

Nº de filhos	1710-1899	1900-1979
0	8	8
1	11	3
2	5	2
3	12	-
4	8	5
5	6	1
6	4	1
7	-	1
8	-	1
Total	54	22
Média	2,6	2,4

mulheres casadas dos 35-39

Nº de filhos	1710-1899	1900-1979
0	12	3
1	11	4
2	5	4
3	5	-
4	4	-
5	-	-
6	1	-
7	-	-
8	1	-
Total	39	11
Média	1,7	1,1

Comparando os nossos resultados com os conhecidos para Guimarães²¹ e mesmo para a Bacia de Paris²², as diferenças são evidentes. Parece não haver dúvida que estamos perante comunidades com uma capacidade reprodutiva bastante inferior.

21. Amorim, M. B. (1987) *Guimarães... Estudo Demográfico*, ob. cit. pp. 209.

22. Dupâquier, J. (1979) *La population du bassin parisien... Louis XIV*, ob. cit. pp. 341-342.

5. CONCLUSÃO

As diferenças que ao longo do nosso trabalho fizemos evidenciar, testemunham a existência de uma fecundidade muito menor nas comunidades por nós estudadas.

De facto, mormente a proximidade geográfica, estamos perante populações com práticas culturais diferenciadas, que directamente se repercutem na fecundidade. Assim, a amamentação prolongada, que sabemos ter existido nestas duas paróquias, levou a um ritmo mais lento dos nascimentos, consubstanciando-se no dilatar dos intervalos intergenésicos. Por outro lado, a idade média tardia ao primeiro casamento por partes dos nubentes destas comunidades, bem como uma suave mortalidade infantil, parecem ajudar a compreender esta fraca fecundidade.

Estes mecanismos reprodutivos, que não se enquadram nos comportamentos gerais conhecidos para o Minho, permitem-nos falar de diferentes fecundidades em contextos próximos em tempo do Antigo Regime. Todavia, estes comportamentos não impediram o crescimento da população minhota, possivelmente devido à multiplicidade de factores de índole económica (o mundo rural com as suas parcas produções ainda poderia satisfazer minimamente as necessidades alimentares da população) e demográfica (baixas taxas de mortalidade infantil).

BIBLIOGRAFIA

- AMORIM, M. N. (1987) *Guimarães de 1580 a 1819. Estudo Demográfico*, I.N.I.C., Lisboa.
- AMORIM, M. N. (1991) «Uma metodologia de Reconstituição de Paróquias desenvolvida sobre registos portugueses», in *Boletim de la Asociación de Demografía Histórica*, IX - 1, Madrid.
- AMORIM, M. N. (1992) *Evolução demográfica de três paróquias do Sul do Pico, 1680-1980*, Inst. Ciências Sociais, Univ. Minho.
- ANDERSON, M. (1988) *Population change in North-Western Europe, 1750-1850*, MacMillan Education Ltd. Londres.
- BIDEAU, Alain (1984) «Mecanismos auto-reguladores de populações tradicionais», in Maria Luíza Marcílio, *População e Sociedade - evolução das sociedades pré-industriais*, Editora Vozes, Petrópolis.
- BRETTELL, C. (1991) *Homens que partem mulheres que esperam*, Pub. Dom Quixote, Lisboa.
- DUPÂQUIER, J. (1979) *La population rural du Bassin Parisien à l'époque de Louis XIV*, Editions de l'École des Hautes études en Sciences Sociales, Paris.
- DUPÂQUIER, J. (1984) *Pour la démographie historique*, P.U.F., Paris.
- FLINN, M. (1989) *El sistema demográfico europeo, 1500-1820*, Ed. Crítica, Barcelona.
- LOBO, M. Marta (1992) *O Pico de Regalados e sua população, 1554-1979*, Tese de Mestrado, policopiada, Univ. Minho.

- MIRANDA, Fernando (1993) *Estudo demográfico de Alvito S. Pedro e Anexa, 1567-1989*, Tese de Mestrado, policopiada, Univ. Minho.
- ROWLAND, R. (1984) «Sistema familiares e padrões demográficos», in *Ler História* nº 3.